



Universidade Federal  
de São João del-Rei

Terezinha Fátima de Paula

**CONSIDERAÇÕES ACERCA  
DO CONCEITO DE MORAL E RELIGIÃO EM HENRI BERGSON**

SÃO JOÃO DEL-REI,  
SETEMBRO 2018



Universidade Federal  
de São João del-Rei

**CONSIDERAÇÕES ACERCA  
DO CONCEITO DE MORAL E RELIGIÃO EM HENRI BERGSON**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Filosofia, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Terezinha Fátima de Paula

Prof. Dr. Adelmo José da Silva

SÃO JOÃO DEL-REI,  
SETEMBRO, 2018

Haja vista que ao relacionar as duas formas de moral e de religião, este pensador insiste em apontar que, enquanto uma destas formas é marcada pela dinamicidade, a outra o é pela ausência do movimento e pela rigidez. Isto pode ser observado, especialmente quando consideramos que Bergson, ao analisar a natureza em 'L'Évolution Créatrice', o faz afirmando de que os corpos isolados, estáticos, cujo movimento dá-se por choques, constituem o aspecto inerte da natureza (SILVA, 2018, p. 01)

Dedico a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o êxito desse trabalho e, assim, marcaram positivamente esse momento.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço ao Professor Adelmo José da Silva, por ter sido meu orientador e pelas excelentes contribuições na construção do trabalho. Aos Professores Richard Romeiro Oliveira e Paulo Roberto Andrade de Almeida, pela disponibilidade em participar da banca de avaliação. Ao Professor Rogério Antônio Pícoli, atual coordenador do curso, por toda disponibilidade no processo de início e finalização dessa monografia. A todos os outros professores do Departamento de Filosofia e Métodos, pela paciência e ajuda durante todos esses anos de curso. Agradeço também à todos os meus amigos e familiares, por todo o apoio no percurso de minha graduação, e por não terem deixado que eu desistisse nessa etapa final.

## RESUMO

O grande referencial do pensamento de Henri Bergson está na retomada dos estudos metafísicos, numa época em que a ciência e as ideias positivistas encontravam terreno mais fértil. Contudo, o pensador não se prendeu aos ideais de filósofos do passado, que buscavam entender a origem das coisas, mas sim, unir a metafísica à razão como forma de entender o ser humano e sua relação com a sociedade à sua volta. Para isso, Bergson analisa tanto o comportamento moral da sociedade, quanto sua participação num dos fenômenos mais importantes que a caracterizam, a religião. Dessa forma, ele classifica a moral em aberta e fechada, assim como faz com a religião, determinando uma que se manifesta pelo dinamismo, enquanto a outra classificada como estática. Esses conceitos são elaborados e discutidos em sua obra mais representativa. As duas fontes da moral e da religião, lançada em 1932. Nela, o pensamento bergsoniano aponta para a importância da emoção como parte do impulso criador de todas as coisas, presente no homem, que por sua vez, pode alcançar tal impulso abrindo mão da sua condição de puro ser social.

**Palavras-Chave:** 1) Moral; 2) Religião; 3) Ética.

## ABSTRACT

The great referential of Henri Bergson's thought is in the resumption of metaphysical studies, at a time when science and positivist ideas found more fertile ground. However, the thinker did not cling to the ideals of philosophers of the past, who sought to understand the origin of things, but to unite metaphysics with reason as a way of understanding the human being and his relationship with the society around him. For this, Bergson analyzes both the moral behavior of society and its participation in one of the most important phenomena that characterize it, religion. In this way, he classifies morality as open and closed, as it does with religion, determining one that manifests itself by dynamism, while the other classifies as static. These concepts are elaborated and discussed in his most representative work, *The Two Sources of Morals and Religion*, launched in 1932. In it, Bergson's thought points to the importance of emotion as part of the creative impulse of all things, present in the man, who in turn can achieve such an impulse by giving up his condition of pure social being.

**Keywords:** 1) Moral; 2) Religion; 3) Ethics.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO I: O CONCEITO DE “MORAL” EM HENRI BERGSON .....	11
CAPÍTULO II: O CONCEITO DE RELIGIÃO EM HENRI BERGSON.....	19
CAPÍTULO III: COMO A MORAL E A RELIGIÃO INFLUENCIAM NA CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO, SEGUNDO O PENSAMENTO DE HENRI BERGSON.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
REFERÊNCIAS.....	34

## INTRODUÇÃO

A obra *As duas fontes da moral e da religião*, lançada em 1932, representa o marco mais importante do pensamento filosófico de Henri Bergson, já que aborda o modo de vida das pessoas em sociedade. Segundo o pensador francês, a vida social é baseada na moral, que deve determinar os parâmetros para a criação de um determinado contexto social. Porém, a moral pode ser tanto opressora, já que é uma forma de obrigar as pessoas a seguir certos pontos, ao mesmo tempo em que uma possibilidade de liberdade, tanto individual, quanto coletiva.

O pensamento bergsoniano abre a possibilidade para uma libertação do ser humano, de modo a deixar claro que nenhum sistema de organização social tem poder pleno para controlar a vida das pessoas. Apesar de existirem regras e normas morais, o ser humano é livre para acatá-las ou não, tendo que lidar com a responsabilidade de suas ações. Aos olhos de Bergson, a liberdade é parte do princípio de criação de todas as coisas, a que ele chama de *élan vital*. Cada pessoa neste mundo participa da criação, tanto em seus atos, quanto pelo seu valor para o mundo enquanto parte também dessa criação.

Uma das instituições mais importantes de qualquer sociedade é a religião, sendo que Bergson aponta duas classificações básicas para ela: estática e dinâmica. A primeira representa toda e qualquer manifestação religiosa, baseada nas regras estabelecidas para comandar determinado grupo de pessoas e, por isso mesmo, instrumento para manter a vida social. Já a segunda é baseada no misticismo, isto é, que permite ao ser humano ultrapassar até mesmo as barreiras da razão para alcançar o entendimento do princípio criador de todas as coisas.

É encarada pelo autor como uma experiência que poucos conseguem vivenciar, sendo que estes escolhidos representam a possibilidade de intensificar o papel da humanidade no mundo, por meio da construção de valores que estejam acima dos padronizados pela moral social comum. E dessa forma, alcançam a moral completa, entendida pelo viés bergsoniano, como caminho para a evolução criativa.

Unindo os conceitos de religião e moral, Bergson propõe uma renovação no pensamento científico e metafísico, constituído pela importância da razão aplicada à vida, juntamente com a evolução do espírito, que existe não para a contemplação do sagrado, mas sim, para participar da ideia de criação.

O objetivo de Bergson para a elaboração de seu pensamento, caracterizado pela obra em questão, é de mostrar tanto o valor da razão, quanto do espírito no desenvolvimento do pensamento humano para sua época, assim como para as gerações futuras. Não cabia, segundo ele, mais espaço apenas para o cientificismo, nem para o místico enquanto conceitos isolados.

Apenas a união de ambos os conceitos, protagonizada pelos escolhidos, ou como Bergson mesmo chama, os heróis, é que a humanidade poderá evoluir seu pensamento e capacidades criativas para objetivos que estejam além daqueles alcançados pelo desenvolvimento do conhecimento e da ciência até então alcançados.

O objetivo deste trabalho de pesquisa é justamente apontar os aspectos mais relevantes acerca dos conceitos de moral e religião propostos por Bergson, além de discutir como eles atuam no progresso da vida humana, tanto para os indivíduos, quanto para o todo social.

## CAPÍTULO I O CONCEITO DE MORAL EM HENRI BERGSON

Henri-Louis Bergson (1859-1941) foi um filósofo de cidadania francesa que ao longo de sua vida, atuou tanto como professor, quanto pesquisador, desenvolvendo uma série de relevantes argumentos referentes ao pensamento filosófico moderno.

Entre 1881 e 1914, lecionou em importantes instituições, como a *École Normale Supérieure* e o *Collège de France*, tendo bastante reconhecimento de seu trabalho como professor. Ao longo desses anos, publicou algumas de suas obras mais relevantes, como *Matière et mémoire* (1896) e *L'Évolution créatrice* (1907).

Seu pensamento filosófico se caracteriza por aproximar o Positivismo francês do século XIX ao fenômeno da espiritualização ocorrido naquele país, em que os conceitos metafísicos caminhavam lado a lado com a Ciência. Seu objetivo com esse pensamento era tentar explicar os fenômenos humanos, buscando um sentido próprio e que pudesse ser observado e estudado. Escreve Silva:

O que habitualmente chamamos de condição humana é basicamente determinado, segundo Bergson, pela natureza. A partir da aceitação das linhas gerais da teoria da evolução, Bergson afirma que a natureza teria seguido dois caminhos paralelos com a mesma intenção de desenvolver e preservar a vida. De um lado, o instinto, que se caracteriza pela estrutura fixa no interior da qual o animal se comporta de modo relativamente imutável, cumprindo os requisitos de sobrevivência prescritos pela natureza; de outro, a inteligência, capacidade humana dotada de flexibilidade para que o homem possa se adaptar às situações fabricando para tanto meios de sobrevivência cada vez mais aprimorados (2018, p. 01).

Dessa forma, ele desenvolveu seu conceito de evolução, explicando-o a partir da ideia de que a realidade da vida humana se baseava nas experiências e na intuição, ambas contidas na consciência de cada pessoa. Silva (2018) descreve a realidade no pensamento bergsoniano como uma coisa durável, isto é, passível de ser entendida pelo viés científico, ao mesmo tempo metafísico.

Dentro deste pensamento, Bergson escreveu a obra *As duas fontes da moral e da religião* (1932), desenvolvendo seus conceitos de moral aberta e moral fechada. A ideia de uma postura moral fechada e outra aberta, para Bergson (1978), caracterizava a existência humana a partir de suas experiências sociais. Seu pensamento ético corresponde às duas formas de alma, escravizada e livre, caracterizadas pela ação moral/religiosa da sociedade.

O ser humano age sob a moral fechada de maneira instintiva, ou seja, está relacionada à conservação dos costumes sociais de um povo. Isso quer dizer que se caracteriza pelas ações e pensamentos voltados a determinado grupo fechado, ou seja, é uma moral social mantida sob a perspectiva de uma norma geral a ser seguida. Zunino define da seguinte forma:

Trata-se de um movimento circular que se produz através do hábito como uma imitação da repetição do instinto [...] comparável ao funcionamento normal da vida (em células de tecidos ou nas sociedades de insetos) (2013, p.164).

Já a moral aberta é a moral voltada aos indivíduos, a partir de ações que sejam consideradas como modelos para as demais pessoas. É tida como moral criadora, ou seja, voltada a cada instante da vida como um conjunto de bons valores a serem seguidos, aproximando o ser humano até mesmo à divindade, no caso, o amor. Zunino escreve que “essa ‘outra moral’ encarna nesses ‘homens excepcionais’: homens de gênio (artistas, cientistas); filósofos gregos; iluminados (budistas); Santos do cristianismo” (2013, p.164).

A moral fechada é imposta à sociedade, de modo que as pessoas sigam o mesmo padrão social. São os hábitos que as pessoas em sociedade adquirem como forma de serem parte do todo social. São normas que seguimos de maneira cotidiana, pela própria influência que a sociedade tem em nossas vidas, assim como pela necessidade que temos de nos enquadrarmos aos preceitos determinados pelo contexto social vigente. Conforme explica Bonadio:

[...] os hábitos são naturalmente adquiridos e em seu conjunto, como um todo unificado, pressionam o humano a obedecer as regras que visam à coesão da vida em sociedade, garantindo, assim, a sua preservação e a harmonia do todo social (2013, p. 85).

Quando o ser humano se adequa a determinado contexto social, com suas leis e regras seguidas, segundo Bergson, ele se distancia das chamadas vontades livres. Isso quer dizer que a sociedade afasta a pessoa de seus impulsos e desejos, obrigando o indivíduo a viver de maneira ordenada e orgânica, isto é, a partir de um padrão estabelecido.

A sociedade é detentora dessa moral fechada, e nos impõe seus preceitos. Caso contrário, somos considerados à margem da sociedade em que vivemos. O

indivíduo pode contestar as determinações da sociedade, mas como deve obediência a ela, precisa seguir a norma. Escreve Bonadio:

[...] os hábitos são naturalmente adquiridos e em seu conjunto, como um todo unificado, pressionam o humano a obedecer as regras que visam à coesão da vida em sociedade, garantindo, assim, a sua preservação e a harmonia do todo social (2013, p. 85).

A contraposição do indivíduo à norma social, segundo Bergson (1978), não deve ser considerada como desprezo. Ele destaca o papel que a sociedade determina na construção desse eu social, afastando as individualidades em nome de uma padronização que insiste em manter todos sob os mesmos parâmetros. Mas é importante salientar que essa pressão não afasta o indivíduo de sua liberdade.

Por isso, segundo Bergson (1978), a liberdade é exigência para que a pessoa acate a norma social enquanto obrigação. O ser humano é tanto instinto, quanto inteligência, o que o caracteriza como ser que tem a capacidade de escolha entre seguir ou não o padrão. O ser humano deve agir baseando-se na sua capacidade de pensar e argumentar, isto é, pela sua inteligência, e não pelos instintos, como os animais. Escreve Bonadio:

Sem o trabalho intelectual nossa tendência à obediência passaria despercebida como acontece com as abelhas e as formigas que cumprem o seu dever trabalhando instintivamente para a garantia do equilíbrio de suas sociedades (2013, p. 88).

Dessa forma, a inteligência determina o sentido para o padrão moral da sociedade, ainda que este proceda de uma exigência social em se garantir uma norma aplicada a todos os membros da sociedade. A ordem moral é construída pela humanidade por meio dos hábitos que ela desenvolve, isto é, a partir da disposição humana para se seguir determinados modos de comportamento. Conforme escreve Torres:

[...] é sempre vinculada à função reguladora, ordenadora e mantenedora da 'coerência lógica' entre as 'regras ou máximas obrigatórias'. A inteligência pesa as razões, 'comparando as máximas, remontando aos princípios', colocando 'coerência lógica numa conduta submissa, por definição, às exigências sociais' (2003, p. 22).

Essa ideia é interessante, pois difere do imperativo categórico kantiano, que em sua essência diz que os padrões sociais devem existir a partir de uma

determinação única e moral, ou seja, um comportamento próprio aplicado a todos os membros de um contexto social.

Kant (1724-1804) dá a todos os seres humanos um motivo apenas para se seguir o imperativo e as normas morais sociais, que é a pura certeza de que a norma deve ser cumprida, abrindo-se mão de todos os princípios instintivos e particulares de cada pessoa. Ele estabelece o imperativo categórico da seguinte forma: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal” (KANT, 1974, p. 223).

Já o conceito bergsoniano de moral permite que as emoções humanas sejam aplicadas nas decisões, com a possibilidade delas intervirem ou não nas decisões de cada pessoa para seguir os padrões morais estabelecidos. Dessa forma, a moral fechada entendida por Bergson é uma alusão a toda sociedade moderna e contemporânea, que detém seus modos de comportamento estabelecidos para serem aplicados a todas as pessoas. Escreve Bonadio:

[...] Bergson afirma que dever, obrigação e moral não diz respeito a uma razão prática, sendo o imperativo categórico kantiano insuficiente para fundamentar a experiência moral em toda a sua profundidade e multiplicidade, uma vez que a ordem moral depende, antes, da ordem social que se apresenta em diferentes formas, em diversas sensibilidades sociais (2013, p. 89).

Não se trata de uma forma de controle, como praticado em sociedades totalitaristas (como as que tivemos ao longo do último século), mas sim de uma abordagem feita pelo filósofo para o entendimento da participação humana no contexto social.

Se devemos manter um determinado modelo de comportamento social, é porque este é necessário para que nos tornemos parte da história da própria sociedade em que estamos inseridos. E o mais importante nisso é que fazemos parte de um todo, sem que deixemos de ter nossas próprias particularidades. Somos ao mesmo tempo, seres morais coletivos e individuais. Acerca dessa moral individual, é que Bergson aborda um novo conceito. Escreve Bergson:

Seria, pois, errôneo censurar uma moral puramente social por desprezar os deveres individuais [...] dado que a solidariedade social só existe a partir do momento em que um eu social se acrescenta em cada um de nós ao eu individual. Cultivar esse ‘eu social’ é o essencial de nossa obrigação para com a sociedade. Sem algo dessa sociedade em nós, ela não teria qualquer poder sobre nós (1978, p.12).

A moral aberta, segundo Bergson, ao contrário da moral social fechada nasce da própria humanidade, quando alguns indivíduos se tornam fonte de inspiração aos demais. De acordo com Bonadio, a moral aberta:

[...] se destina à humanidade inteira e não pertence apenas a um grupo social específico, é o outro polo que define, de acordo com o autor, uma fonte segunda para a moral que não aquela fundada na estrita obrigação e que forma as sociedades fechadas (2013, p. 86).

Enquanto que a moral fechada leva à sociedade a um mesmo padrão de ordem e comportamentos, a moral aberta não se baseia no hábito, por isso, não se torna algo repetitivo. Bergson aponta pessoas diferenciadas capazes de gerarem ideias revolucionárias, que movimentam a sociedade, levando-a a dar passos adiante em sua própria história. Pessoas que seguem suas emoções e com elas, motivam outros a acreditarem em suas ideias, como líderes religiosos e filósofos. Essas pessoas são tidas por Bergson como detentores da moralidade livre, sem obrigações impostas pela sociedade ou outros grupos fechados. Segundo Silva (1994, p. 96):

Assim, é a própria capacidade de simbolizar, intrínseca à inteligência, que vai permitir de alguma forma a superação da cristalização simbólica que constitui a precisão abstrata do conhecimento analítico. Voltada para o esforço de traduzir o intraduzível, a inteligência se torna de alguma maneira consciente da “franja” intuitiva que a rodeia: procurará então vencer o obstáculo da linguagem com a própria linguagem, construindo com os símbolos um análogo de fluidez que ela não pode exprimir diretamente.

A moral aberta tem como finalidade a busca pela felicidade da humanidade, e não pela satisfação do indivíduo. Dessa forma, a pessoa se dedica a encontrar meios que facilitem a convivência social e com ela, elimina-se toda a possibilidade de obrigações impostas. A moral como deve ser, segundo o filósofo francês, é de uma pessoa para toda a humanidade e não da sociedade para cada pessoa.

A moral aberta bergsoniana é o que mais se aproxima do conceito de altruísmo, isto é, a dedicação do indivíduo para com seu próximo. Bergson (1978) a vê como um impulso para criar, assim como a própria vida faz. A emoção para se buscar algo novo, para criar, faz do ser humano um reflexo do impulso vital que existe em tudo. Gerar vida é o mesmo que abrir-se a uma moral que ultrapassa os limites da opressão e da imposição, para se lançar em novas possibilidades, tanto para si, quanto para a humanidade. Segundo ele:

Desde a eternidade surgiram homens excepcionais nos quais se encarnava essa moral. Antes dos santos do cristianismo, a humanidade conheceu os sábios da Grécia, os profetas de Israel, os iluminados do budismo e outros mais. A eles é que sempre se referiu para ter essa moralidade completa, que seria preferível chamar de absoluta [...] Ao passo que a obrigação natural é pressão ou empurrão, na moral completa e perfeita há um chamado (BERGSON, 1978, p. 28-29).

Ambos os conceitos têm na visão bergsoniana grande importância para o entendimento de como vemos o mundo à nossa volta, sobretudo, o mundo humano. E como o pensamento do filósofo se volta para o dinamismo, já que defende a ideia de que obstáculos são nocivos, há uma transição entre a moral fechada e a aberta.

Ela se dá pelo esforço que uma pessoa faz para que sua alma se abra ao chamado *élan vital* (força da vida). Bergson (1978) entende isso como um chamamento ou experiência mística/divina, em que uma pessoa volta sua vida para uma causa ampla, geralmente baseada na ideia de que ajudar a humanidade. É se levar pela emoção e com ela tentar alcançar um patamar mais alto na própria condição de ser humano. Escreve ele:

[...] ao falar aqui do amor da humanidade, caracterizaríamos sem dúvida essa moral. E, no entanto não exprimiríamos sua essência, porque o amor à humanidade não é um móvel que baste a si mesmo e que atue diretamente. Os educadores da mocidade sabem muito bem que não se triunfa do egoísmo recomendando-se o altruísmo. (BERGSON, 1978, p. 30).

Para Bergson (1978), o místico, o artista, ou mesmo o filósofo, romperam com as opressões da sociedade e sua moral fechada. E pela emoção se lançaram ao ímpeto vital de algo novo. E com eles, outros buscaram traçar o mesmo caminho. Nem todos conseguem alcançar tal meta, por isso, são poucos os seres humanos que se destacaram ao longo da história como místicos ou iluminados. Abandonaram seus instintos em nome de um amor incondicional pela humanidade.

Pela emoção que nascem as grandes criações humanas, segundo Bergson. É ela que incita a inteligência e a vontade humana de criar. É justamente a emoção que representa o impulso criador, tornando o ser humano parte da representação vital e da existência. E como tal, é ela quem determina a própria existência do misticismo, da metafísica e da religiosidade. Escreve Bergson (1978, p. 182), que “o misticismo é uma tomada de contato com o esforço criador que a vida manifesta. Este esforço é de Deus, se não o Deus mesmo”.

Assim, Bergson aproxima o humano da divindade, sem que isso acarrete em amarras ou obrigações a que uma pessoa se submete estando num estado de moral fechada. A pessoa se lança no desafio de criar e com isso se aproximar do impulso vital, mas sem que entenda esse processo como um dever imposto por alguém ou alguma instituição. Escreve Bergson:

Não nos parece duvidoso que uma emoção nova esteja na origem das grandes criações da arte, da ciência e da civilização em geral. Não apenas porque a emoção é um estimulante, mas porque incita a inteligência a empreender e a vontade a perseverar (1978, p. 36).

Agindo dessa maneira, o ser humano consegue até mesmo não ficar preso a instituições fechadas, como a própria religião, que mesmo estando sob a égide do sagrado, impõe diversas normas que a tornam fechada demais aos olhos de muitas pessoas. Temos grandes nomes na história do mundo que lançaram suas ideias sem estarem comprometidos com uma fé cega ou instituição arbitrária. Essas pessoas ultrapassam a barreira da crença, preservando em nosso mundo suas mensagens e a possibilidade de também nos lançarmos em busca de objetivos que estejam além do nosso próprio entorno. Escreve Zunino:

A diferença entre a emoção e a obrigação (moral) é que a ação decorrente da emoção não encontra resistência. Assim como a obrigação, a emoção também impõe alguma coisa, mas ela é consentida [...] Ora, como agimos quando seguimos uma emoção? Sem resistir: 'Se a atmosfera da emoção está lá, se eu a respirei, se a emoção me contagia, eu agirei de acordo com ela, serei levado por ela'. Não se trata mais de coerção ou necessidade, mas sim de uma 'inclinação à qual não vou querer me resistir' (2013, p. 165-166).

A partir de sua concepção do conceito de moralidade, Henri Bergson propôs uma leitura ética baseada não nos princípios racionais, como outros pensadores fizeram antes dele. Não se trata do homem criar uma moral e estabelecê-la a partir de normas e mandamentos que sejam seguidos por todos, sem qualquer tipo de liberdade.

É dever do homem social seguir padrões para se enquadrar em determinada sociedade. Contudo, o argumento do filósofo francês propõe uma moral que valorize ao máximo a possibilidade humana de se lançar no mundo a partir de suas emoções, de sua capacidade natural em sentir e pensar, fazendo com que suas emoções se convertam em ações. O ser humano é um ser vivo, e como tal, deve participar do processo de criação da vida. É como explica Zeni:

[...] a prática dos novos hábitos advindos dos conteúdos da fonte da moral aberta poderá ser traduzida em máximas e representada através de símbolos da linguagem que facilitarão a comunicação. Dessa forma, para que se mantenha viva a força motivadora dos hábitos oriundos daquela fonte, um esforço pessoal pela apreensão da mística se faz preciso, a fim de que se possa revigorar, nas sociedades, as bases que dão vida à moral aberta (2014, p. 73).

Assim, não se trata de agir da forma que bem entender. A ordem é necessária. Contudo, a liberdade de pensamento e ação permite que se veja o mundo como sendo mais que nosso mero ambiente de vida. É dele que tiramos nossa existência e é para ele que devemos viver e evoluir. Tornamo-nos mais próximos do princípio básico da vida, a criação, quando nos propomos, ou somos guiados a seguir um caminho diferente, pautado na emoção e na busca pela iluminação.

Concluindo, Henri Bergson propôs em sua argumentação a criação de uma moral social com princípios místicos e metafísicos, ao mesmo tempo em que colocou princípios metafísicos, como vida e divindade sob uma base moral e ética. Estabelecer um paralelo tão próximo entre razão e emoção foi uma das principais contribuições do pensamento filosófico de Henri Bergson.

Dando sequência, o capítulo segundo abordará o conceito bergsoniano de religião, a fim de continuar explicitando a temática escolhida para o presente texto monográfico. O pensamento bergsoniano nos diz que a natureza humana é dividida em dois aspectos fundamentais. De um lado, temos os instintos, que determinam um padrão de vida baseado em ações e comportamentos específicos, assim como os outros animais. Do outro lado, temos a inteligência, nos diferenciando dos demais animais justamente pela possibilidade de modificações que podemos fazer em nosso meio a partir das criações que desenvolvemos.

## CAPÍTULO II O CONCEITO DE RELIGIÃO EM HENRI BERGSON

A partir do exposto no parágrafo anterior, pode-se destacar que ambos os aspectos (instintos e inteligência) estão voltados à preservação da vida, mas apenas a inteligência permite com que o ser, no caso o homem, amplie seu grau de desenvolvimento individual e social. Somente o ser humano tem a capacidade de construir uma sociedade altamente evoluída, formada por diferentes instituições e hábitos e valores específicos a cada necessidade.

O entendimento teria caído do céu com sua forma, como nascemos todos com nosso rosto. Definimos essa forma, sem dúvida, mas é tudo que se pode fazer, e não há que procurar por que ela é aquilo que ela é em vez de qualquer outra coisa. Assim, sentenciaremos que a inteligência é essencialmente unificação, que todas as suas operações têm por alvo comum introduzir uma certa unidade na diversidade dos fenômenos, etc (BERGSON, 2005, p. 165).

Assim sendo, temos a constante luta pela sobrevivência e preservação feita a cada dia, como qualquer animal que já tenha pisado neste planeta. Porém, ao contrário de todos os outros, o homem tem como escolher qual ou quais melhores formas de enfrentar seus desafios diários em nome de sua própria sobrevivência e de seus semelhantes. Escreve Deleuze:

Mas, se por isso ela (a intuição) ultrapassa a inteligência, é a inteligência que provocou o abalo que a fez alcançar o ponto onde ela está. Sem inteligência, ela teria ficado, sob a forma de instinto, fixada ao objeto especial que a interessa praticamente (2012, p. 86).

O fato de se pensar nos outros e não apenas em si mesmo, faz com que o ser humano utilize sua capacidade natural de inteligência para mais uma função. Bergson chama de função fabuladora a tendência humana para criar referenciais que sustentem o conceito de coletividade presente nas diversas organizações sociais existentes. Em outras palavras, a necessidade de manter segura a sociedade enquanto uma das criações humanas exige do próprio homem uma criação tão consistente quanto o grupo social. É o que o filósofo caracteriza como religião. De acordo com Silva:

Histórias acerca da origem da coletividade, de deuses protetores que podem premiar ou punir, normas cuja origem se perde na tradição, mas que, por isso mesmo, devem ser respeitadas etc. Note-se que tudo isso,

embora não diga respeito diretamente ao interesse individual, é absolutamente necessário para a preservação organizada da vida coletiva, impedindo que esta se dissolva na fragmentação dos interesses individuais. Esse patamar de experiência vital, pelo qual a função fabuladora é responsável, chama-se religião (2018, p. 1).

Segundo o pensamento de Bergson, a religião é uma consequência da vida humana, traçada pelo que ele conhece como élan vital, o impulso gerador da vida e que se estende pela evolução dos seres vivos. É ela que permite ao homem construir um referencial de símbolos e ideias para afastá-lo de seus medos, como a morte, e unir as pessoas em sociedade. Por conseguinte, permite aos seres humanos se moldarem diante de um padrão social, compartilhando valores e modos de vida. Complementa Silva:

Vista dessa forma, a religião cumpre uma finalidade análoga à da sociedade no que concerne à coesão dos indivíduos, e ela se situa, por isso, num nível natural. Trata-se de uma organização fechada de costumes, normas, símbolos e rituais destinados a sustentar a integridade do grupo, por via da comunidade de crenças geradoras de comportamentos. É, ainda, a intenção da natureza que prevalece no interesse da manutenção da Vida numa escala maior do que a individualidade. Nesse sentido, as obrigações morais socialmente instituídas e a instituição das religiões cumprem funções análogas e complementares (2018, p. 1).

A religião, portanto, deve ser entendida como autopreservação do ser humano na vida social, bem como preservação do modelo social em benefício de todos os participantes. Mas não é apenas isso. Já que a vida não é tão somente um processo formado por momentos dentro de um período que compreende um início e um término, de acordo com Bergson, a inteligência permite criar tanto recursos para continuar seu caminho vital, como também para ultrapassar esses momentos. A religião, enquanto parte da função fabuladora da inteligência, permite compreender que há mais do que simplesmente o que está à nossa volta. Escreve Bonadio:

[...] aqui se fala de uma inclinação à abertura, de uma emoção que põe a alma de quem ama em coincidência com o élan criador da vida, em contato com uma ação da sensibilidade que ultrapassa a obrigação pura. Por isso, o apelo do místico ou seu chamado à abertura é inevitável: há a exigência de fazer jus a um dever, mas sem o constrangimento que este implica, pois é um movimento do afeto que toma o ser, atravessando sua interioridade que espontaneamente se abre a esse movimento (2013, p. 92).

Vimos anteriormente que a inteligência é parte da natureza, assim como os instintos que moldam todos os seres vivos criados. Por sua vez, a natureza é parte do impulso criador e mantenedor da vida, o élan vital. Isso permite afirmar que não

há um início, tampouco, um fim nesse processo de existência de tudo que existe. Bergson não dá um caráter antropomórfico ao élan, isto é, não há uma “figura criadora” de todas as coisas, como um Deus único. Segundo Silva:

É importante notar que o mesmo objetivo é realizado por via de dois percursos diferentes e de dois resultados distintos, até porque tudo deriva da mesma origem, a Vida, a princípio indiferenciada e que, no itinerário evolutivo, se teria bifurcado em duas linhagens. Devido a essa origem comum, cada uma dessas formações vitais guarda em si algo da outra, submerso e camuflado pelas características que se impuseram de maneira predominante. À origem comum, corresponde o mesmo princípio orientador das ações da vida, em ambos os casos: sobrevivência e preservação, o que faz com que, no ser humano, a inteligência esteja quase totalmente voltada para a satisfação das necessidades práticas da vida individual e coletiva (2018, p. 1).

Silva (2018) afirma ainda que a natureza e a vida estão em constante movimento. E é por isso que há possibilidade de haver mais do que acreditamos existir. Ao contrário da sociedade, que se fecha em suas próprias regras e modos de condução da vida, a religião permite transpor os limites da subjetividade, ou seja, não estaríamos diante apenas do ser, mas também do vir a ser. Em outras palavras, o que não pode ser explicado e limitado pelo conhecimento científico e objetivo humano, não deixaria de existir e poderia ser considerado como coisa existente aos olhos da religião.

Antes de prosseguir, é importante fazer uma consideração acerca do conceito de religião atribuído por Bergson. Ele o entende a partir das organizações sociais estabelecidas ao longo da história, enquanto modelos de conduta social. Diante disso, islamismo, cristianismo, judaísmo e as demais manifestações religiosas que conhecemos representam o caráter fechado e organizacional das entidades humanas conhecidas como religiões.

Essa ideia de religião fechada é explicada por Bergson como sendo mais uma criação da inteligência em benefício da estruturação e manutenção das organizações sociais para que sejam preservados os valores necessários à existência da vida em comunidade. E mais, nesse aspecto, a religião permite ao homem encontrar respostas além de seus conhecimentos habituais, ou seja, por meio de sua relação com o que sagrado e fora das relações pragmáticas do cotidiano.

Justamente essa possibilidade de ir além é que faz com que o filósofo atribua um novo e mais apurado significado ao conceito de religião. Ao abrir esse

conceito, Bergson insere a ideia do movimento criador e mantenedor da vida, o élan vital, à necessidade de religiosidade humana. Não havendo um ser criador, como vimos anteriormente, o pensador defende a ideia de que toda criação é parte desse movimento. E já que tudo participa da criação, inclusive o ser humano, a possibilidade de conhecer tudo o que caracteriza o movimento é permitida a todos os que dela participam. Escreve Silva:

A realidade, como vimos, é criação, o que significa que na sua essência ela é puro processo e movimento. As formas criadas são vestígios desse processo porque a imobilidade é algo que deriva do movimento. Habitualmente, falar em criação implica falar em criador – e é nesse ponto que se colocaria, no contexto bergsoniano, a questão de Deus. Mas o que há de original em Bergson é justamente a ideia de que a criação como processo e movimento deveria nos eximir de identificar o “ser” criador, o que seria remeter o processo a uma entidade e o tempo à eternidade. O que haveria de divino na criação seria, então, o próprio processo. A metáfora do élan, portanto, remete menos a um espírito do que à espiritualidade, entendida como ação criadora (2018, p. 1).

É aqui que se enquadra o conceito de religião aberta em Bergson. Ele atribui à criação a condição de divindade, aproximando criação e criatura na representação do que ele chama de místico. É a possibilidade de se livrar da ideia de finitude ou limite para entender a totalidade como infinito movimento. O gênio místico é o único capaz de sair de seu estado natural social e alcançar um entendimento das questões inalcançáveis pela ciência. O estado de iluminação lhe permite ficar diante do próprio élan vital. Sua vontade, tal qual a inteligência, é que lhe permite não se perder na divindade e retornar ao entendimento e vida cotidiana.

Buscamos apenas determinar o sentido preciso que nossa consciência dá à palavra ‘existir’ e descobrimos que, para um ser consciente, existir consiste em mudar, em amadurecer, amadurecer, em criar-se indefinidamente a si mesmo. Poder-se-ia dizer o mesmo da existência em geral? (BERGSON, 2005, p. 8).

A maioria das pessoas não alcança tal conhecimento, segundo Bergson, por causa das obrigações e conveniências da vida. Pelo conceito de amor, o místico faz essa aproximação entre o movimento e ele mesmo, o que não representa um contato com um ser divino, já que aceitamos a ideia de que tal entidade não existe aos olhos do pensamento bergsoniano.

Pelo amor, o místico conhece a totalidade e pode expressá-la, mesmo diante das limitações e finitude do mundo social cotidiano. O rompimento com a realidade

permite alcançar a ideia de que tudo à nossa volta, incluindo a nós mesmos, faz parte do mesmo processo criado e criador, que é a totalidade.

[...] os conceitos são indispensáveis à metafísica, na medida em que esta não pode dispensar as outras ciências, que todas trabalham com conceitos; mas reconhecem também que a metafísica só é propriamente ela enquanto se liberta dos conceitos já prontos e consagrados pelo hábito, para criar representações flexíveis, móveis, quase fluidas, sempre prontas a se moldar pelas formas fugidias da intuição (BERGSON, 1979, p. 22).

Tal aspecto é encontrado nos santos e demais pessoas dedicadas ao sagrado em suas vidas, e que se tornaram exemplos para o restante da humanidade. Eles unem o conhecimento físico e metafísico acerca da existência no mesmo patamar, como o princípio do conhecimento explicitado por Bergson ao caracterizar a natureza do mesmo por meio da inteligência e instintos.

A ciência e a metafísica convergem, portanto, na intuição. Uma filosofia verdadeiramente intuitiva realizaria a união tão desejada entre a metafísica e a ciência. Ao mesmo tempo em que constituiria a metafísica como ciência positiva – progressiva e indefinidamente perfectível – levaria as ciências positivas propriamente ditas a tomar consciência de seu verdadeiro alcance, com frequência muito superior àquele que imaginam ter (BERGSON, 2009, p. 41).

A experiência religiosa ou mística, segundo Bergson (1999), é o que há de mais representativo no entendimento da natureza da existência, comprovando sua ideia de que a criação não encontra um momento de definição, mas caminha constantemente num mesmo movimento a partir do espírito criador de tudo que existe.

Ao mesmo tempo, a experiência mística rompe com o conflito entre metafísica e ciência, presente nos tempos de atuação do filósofo. A limitação que a ciência impõe ao conhecimento, definindo apenas o que se pode comprovar diante de seus métodos, e excluindo todos os demais pensamentos que não alcançaram à luz dessa experimentação, cai por terra diante da religião aberta proposta por Bergson. E ao fazer isso, o pensador instaurou mais um elemento ao seu referencial ético e moral.

Seria, pois, errôneo censurar uma moral puramente social por desprezar os deveres individuais [...] dado que a solidariedade social só existe a partir do momento em que um eu social se acrescenta em cada um de nós ao eu individual. Cultivar esse 'eu social' é o essencial de nossa obrigação para com a sociedade. Sem algo dessa sociedade em nós, ela não teria qualquer poder sobre nós (BERGSON, 1978, p. 12).

Isso porque a experiência mística da religião aberta permite para quem a contempla, não ficar preso aos modelos sociais das organizações sociais, como as próprias instituições religiosas. Saber que há mais do que o conhecimento nos mostra em suas representações sensíveis e científicas nos permite almejar posturas de vida mais amplas. O exemplo dos místicos é o de compartilhar da experiência de estar próximo da realidade em constante movimento.

A harmonia não existe então de fato, mas antes de direito; eu quero dizer que o elã original é um elã comum e que, quanto mais remontamos ao alto, mais as tendências diversas aparecem como complementares umas às outras. A harmonia se revela nas tendências e, eis o ponto sobre o qual o finalismo se enganou gravemente, a harmonia se encontra antes atrás do que na frente. Ela se deve a uma identidade de impulsão e não a uma aspiração comum. É em vão que se quer atribuir à vida um objetivo, um fim no sentido humano do termo (BERGSON, 2005, p. 55).

E convenhamos, não é justamente sobre isso que se trata a religião? Estar em contato com algo além de nossos sentidos e que nos ajuda a entender melhor quem somos e nosso papel no mundo. Assim sendo, a religião no entendimento de Bergson é a experiência que ultrapassa os limites estabelecidos pela instituição social para que venham novos valores a serem aplicados na própria sociedade. Valores esses que só serão compreendidos quando acontecer a compreensão de que a realidade não é, nunca foi, e nem será limitada, como a ciência insiste em nos mostrar.

Encerrando a presente pesquisa, será abordado, no capítulo terceiro, a partir do pensamento de Henri Bergson, de que forma a moral e a religião concorrem para a construção do indivíduo.

### CAPÍTULO III

## COMO A MORAL E A RELIGIÃO INFLUENCIAM NA CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO, SEGUNDO O PENSAMENTO DE HENRI BERGSON

Vimos até aqui as considerações que levaram Bergson a estabelecer o papel da moral e da religião na construção dos sujeitos. A dualidade do conceito de moral estabelecida pelo pensador nos mostra que existe aquela moral racional, baseada na necessidade de se viver em sociedade a partir de normas ou imperativos. Trata-se de uma moral social, ao mesmo tempo em que cada indivíduo necessita moldar-se aos valores determinados pela sociedade para se enquadrar nela como parte do todo. É o que ele chama de moral fechada. Escreve Bergson:

[...] o social está no fundo do vital. Se, nessas sociedades que são já os organismos individuais, o elemento deve estar pronto a se sacrificar pelo todo, se o mesmo é assim nessas sociedades de sociedades, que constituem, no extremo de uma das duas grandes linhas da evolução, a colmeia e o formigueiro... é que a natureza se preocupa mais com a sociedade que com o indivíduo (1978, p. 99).

Há também uma moral que supera a racionalidade ou a capacidade intelectual do ser humano. Essa é tratada por Bergson (2005) como a mais alta inspiração para toda e qualquer pessoa, uma meta a ser alcançada por cada um de nós visando o entendimento do mundo a partir do sentido de sua criação. É como um sentimento que faz com que pessoas se destaquem da maioria, caracterizando-as como especiais ou até mesmo, iluminadas. É a moral aberta que mantém o princípio gerador da vida, cuja experiência apenas alguns conseguem vivenciar.

A maioria das pessoas tende a viver em tranquilidade com os preceitos determinados pela moral fechada, já que em cada sociedade os parâmetros são suficientes para atender as necessidades de sua população. É o que mantém a humanidade em seu processo evolutivo, fazendo com que a espécie prossiga realizando sua história no mundo. Bergson (1978) diz ainda que de certa forma, mantenha as pessoas aprisionadas em seus próprios hábitos, tal moral não anula a liberdade de cada um, pois todos podem ou não obedecer aos preceitos morais estipulados pela sociedade.

Mas se o indivíduo pode ser como os demais no contexto social, os escolhidos ou diferenciados, a partir da ideia de moral aberta bergsoniana,

representam o potencial que um indivíduo possui para se destacar do restante da humanidade. Para justificar a existência de pessoas assim, Bergson (2005) destaca que o simples princípio lógico da moral racional é insuficiente, o que leva à busca por uma causa ou origem que esteja além de nossa compreensão habitual das coisas à nossa volta.

A partir do amor incondicional é que uma pessoa se aproxima mais e mais do entendimento de tudo, inclusive, da própria criação das coisas. É por meio de tal experiência emocional, que segundo Bergson, o homem alcança grandes realizações, tanto para ele mesmo, como para o mundo todo. A alma se aproxima do élan vital, criador de tudo, impulsionando a pessoa a agir não mais em causa própria, ou de acordo com as regras de sua sociedade. Ela passa a agir em benefício de todos ao redor, podendo inclusive, influenciar nos destinos de todos. Escreve Bergson:

Ao lado do corpo que está confinado ao momento presente no tempo e limitado ao lugar que ocupa no espaço, que se conduz como autômato e reage mecanicamente às exigências exteriores, apreendemos algo que se estende muito mais longe que o corpo no espaço e que dura através do tempo, algo que solicita ou impõe ao corpo movimentos não mais automáticos e previstos, mas imprevisíveis e livres: isto que ultrapassa o corpo por todos os lados e que cria atos ao se criar continuamente a si mesmo, é o “eu”, é a “alma”, é o “espírito”- o espírito sendo precisamente uma força que pode tirar de si mesma mais do que contém, devolver mais do que recebe, dar mais do que possui (1984, p. 84).

A abertura da moral, diante das vidas de algumas pessoas escolhidas para serem arautos de uma sociedade ampla e desprovida das amarras que comumente impedem com que a humanidade se desenvolva sob vários aspectos, é o que Bergson (2005) entende como princípio fundamental para a evolução humana. Não se trata, no entanto, de criar modelos ou símbolos a serem seguidos pela maioria, mas sim, proporcionar às pessoas uma visão global que ultrapasse todo e qualquer limite estabelecido.

À ideia da moral aberta está intimamente ligado o conceito estabelecido por Bergson de religião dinâmica (1978). Não como a religião estática, que tem como função principal, aproximar a pessoa de uma série de interpretações voltadas aos preceitos adequados à sua sociedade, o dinamismo religioso consiste na representatividade do misticismo adquirido pelos escolhidos próximos ao princípio criador de todas as coisas.

O elemento místico, segundo Bergson, deve estar presente em qualquer manifestação de ordem religiosa, do contrário, acabará por condená-la ao esquecimento. Não se trata de manter dogmas ou preceitos, já que são diferentes de acordo com cada religião expressa na sociedade. O místico é o impulso que aproxima a experiência religiosa do princípio ou élan vital. Escreve Bergson:

Os verdadeiros místicos simplesmente se abrem à vaga que os invade. Seguros de si mesmos, porque sentem em si algo de melhor que eles, revelam-se grandes homens de ação, para surpresa daqueles para os quais o misticismo não passa de visão, transporte, êxtase. O que eles deixaram escoar no interior de si mesmos é um fluxo descendente que desejava atingir os outros homens através deles: a necessidade de espalhar em volta deles o que receberam, eles sentem como um ímpeto de amor. Amor ao qual cada um deles imprime a marca de sua personalidade (2008, p. 243).

É a partir da mística associada ao espírito racional de uns em relação aos demais, que Bergson (2005) estabelece um referencial para a humanidade. A figura de pessoas que ao longo da história se destacaram por suas experiências além do habitual humano, como líderes religiosos e espirituais, vem acompanhada não só de sua presença, como também de suas realizações para a humanidade.

A emoção é o sentimento que essas pessoas demonstram ao realizarem grandes feitos, algo como um artista alcança ao concluir uma obra. Ela, segundo Bergson, estimula a inteligência e a vontade humana, para sair do lugar comum e tentar ao máximo alcançar a plenitude e o entendimento da criação. O místico envolto pela emoção é capaz de desenvolver até mesmo conceitos morais que estejam acima de qualquer moral humana, caracterizada como fechada, por estar submetida a regras e preceitos específicos. Escreve Silva:

O esforço para modelar o signo segundo a emoção é propriamente o trabalho criador. A virtualidade representativa da emoção criadora se encontra *a priori* diante de uma multiplicidade indefinida de possibilidades, no jogo das quais se dará a expressão como passagem da intuição do interior para o exterior, para a materialidade dos signos. O valor moral transita pelo circuito voluntarista da emoção (1994, p. 292).

Essa condição humana, ainda que não para toda a humanidade, é o que mais nos aproxima de Deus. Quando o místico cria algo que pode ser utilizado e mesmo vivido por toda a humanidade, é o mesmo princípio da própria criação divina. A partir de então, cria-se um ou mais modelos para toda a humanidade, para que ela supere as limitações que a sociedade lhe impõe por meio de suas regras e princípios. Escreve Bergson:

Porque ele é o próprio retorno ao movimento e emana de uma emoção – comunicativa como toda emoção – aparentada ao ato criador. A religião exprime essa verdade a seu modo ao dizer que é em Deus que amamos os outros homens. E os grandes místicos declaram possuir o sentimento de uma corrente que iria de sua alma a Deus e desceria de Deus ao gênero humano (2008, p. 51).

A união entre o conceito de moral aberta ao de religião dinâmica constrói um entendimento sobre como é o ideal ético proposto por Bergson (2005). A partir de ambos os conceitos, a evolução humana é entendida como um processo contínuo rumo ao que está além das convenções estabelecidas pela sociedade. É a manifestação do impulso criador de todas as coisas no ser humano, por meio dessa possibilidade de transcendência.

A evolução humana, de sua história e papel no mundo é tal qual a evolução de todas as coisas. Todas as etapas do processo são necessárias para que o próprio caminhe sempre em frente. Bergson (1978) diz que a moral fechada que a sociedade nos impõe é necessária para que possamos desenvolver nosso potencial de seres sociais. Ela é tida como uma demanda da natureza necessária para que o ser humano tenha oportunidades de desenvolver seu potencial criativo.

A condição humana de vida em sociedade é tal qual a organização dos demais animais, ou seja, importante para que as atividades comuns à vida sejam realizadas, de acordo com a própria espécie. Esse estar preso ao mesmo tempo em que se é livre, é parte da condição natural de ser humano. Nos mostra Bergson:

Admitiremos de bom grado, quanto a nós, a existência de representações coletivas, depositadas nas instituições, na linguagem e nos costumes. Seu conjunto constitui a inteligência social, complementar das inteligências individuais (1978, p. 87).

No entanto, o dinamismo da religião, tal como a abertura da moral, estabelecidos por Bergson, nos mostram que a emoção e o misticismo possuem a mesma importância em nossas vidas que as obrigações fundamentadas pela razão para a vida social. Eles fazem parte da nossa constituição de seres humanos, nos diferenciando das demais criaturas, e por isso mesmo, nos dando um papel importante na existência. Somos os que mais se aproximam do conceito de “criação” justamente por termos a capacidade de criarmos e estarmos diante do entendimento da própria criação. Silva (1994) mostra que os demais seres vivos desempenham apenas as atividades para os quais sua criação determinou, isto é, não possuem a

possibilidade da experiência moral, tanto como vida ordenada, quanto parte do movimento natural exercido pelo élan vital, por meio de nossos atos.

Diante disso, nos perguntamos como a moral e a religião, segundo o pensamento de Bergson, ajuda na construção do indivíduo? Elas revelam, num primeiro momento, que o ser humano deve estar submetido a uma moral, algo necessário para sua condição de ser social. O pensador não aponta para uma moral determinante e baseada em conceitos destacados, como em Kant e seu Imperativo Categórico, ou no pensamento voltado à religiosidade, como era comum na Idade Média (BONADIO, 2013).

A moral diante do pensamento bergsoniano, como vimos ao longo deste texto, se baseia tanto na necessidade natural do ser humano em obedecer a valores para viver em sociedade, como para a também natural possibilidade do homem em querer simplesmente segui-las ou ir além. Não é do ser humano, pelo menos a maioria deveria acreditar nisso, manter-se estático em padrões ou dogmas. Bergson desconsiderava a crença em formas totalmente fechadas de moral e religião, buscando por uma postura tanto dinâmica, quanto abrangente para elas. Sobre o pensamento bergsoniano, escreve Coimbra:

A filosofia bergsoniana é um todo que só pode estudar-se como um organismo vivo, por uma longa convivência simpatizante, ressentindo o ritmo cardíaco de seu esforço de vida e de crescimento. E, como um ser vivo em plena maturação vital, não se encerra num ciclo fechado; ele é uma permanente forma de saber, acompanhada de uma perene renovação sangüínea. De modo que deixa ao longo de seu percurso conhecimentos reais, verídicos no plano ontológico, em que se internou o pensamento, mas aptos a receberem o complemento duma posterior subida de nível ontológico (1994, p. 163).

No entendimento de Bergson (2005), o ser humano tinha a possibilidade de almejar mais que a própria vida em sociedade lhe mostrava. Isso quer dizer que mais que um ser social, cada indivíduo tinha a chance de escolher seu caminho, evitando os males ou caminhos inadequados apresentados pela própria vida em sociedade. Diante disso, ele propôs como dever moral a máxima de que o indivíduo tinha pleno controle de seu destino, a partir do entendimento de que a moral vigente era importante, mas não absoluta para vida de cada pessoa.

A possibilidade de criação de modelos mais amplos, que não estão presentes em nenhum referencial social que conhecemos, é algo que poucos tiveram e terão acesso, de acordo com o pensamento bergsoniano. Os chamados

místicos são esses portadores da boa nova que pode fazer com que a maioria das pessoas no mundo encontrem outros caminhos, diferentes dos que estão acostumados a traçar. O contato com o impulso criador, que pode ser Deus ou o élan vital, é o que nos diferencia dos demais seres vivos existentes. E dessa forma, dá a oportunidade que os outros não têm de mudar radicalmente todos os valores para algo plenamente baseado na emoção e na esperança do que nos nossos próprios interesses. Segundo Bergson:

Ela, (inquietação), mostra de fato que a alma do grande místico não se detém no êxtase como no final de uma viagem. É, isto sim, o repouso, se quisermos, mas como numa parada em que a máquina ficasse sob pressão, com o movimento continuando no mesmo lugar em abalo, até novo salto para frente (1978, p. 190).

Pensemos bem. De que adianta neste mundo tão grande uma pessoa estar plenamente satisfeita com tudo o que possui, quando a maior parte da humanidade sofre diante de uma série de mazelas? Sendo que muitas delas provocadas pelos rumos que a própria sociedade tomou. O princípio de moralidade humana, baseado na experiência mística, segundo Bergson, é mostrar que todos podem ser muito mais, a partir daquilo que todos têm em demasia: racionalidade para escolher e emoção para buscar sempre o melhor possível. Escreve Bonadio sobre a amplitude da moral:

[...] que se destina à humanidade inteira e não pertence apenas a um grupo social específico, é o outro polo que define, de acordo com o autor, uma fonte segunda para a moral que não aquela fundada na estrita obrigação e que forma as sociedades fechadas (2013, p. 86).

O agir humano deve estar baseado no amor. Amar não é somente querer muito algo que agrada. Bergson (1978) explica que é estar envolvido com a possibilidade de que aquilo que eu quero ou penso pode se voltar como exemplo para os outros, assim como minha vida será mais plena de sentido quando está em busca de valores amplos, que não estejam ligados tão somente a uma mera forma de pensar, determinada por uma ou mais pessoas numa organização social ou de caráter religioso. Escreve Medeiros sobre isso:

Uma alma que se abre deve se esforçar para sentir essa emoção e ser atraído por ela, ao passo que o místico é aquele que abriu sua alma e rompeu com toda pressão social que encerra uma sociedade fechada (2018, p.1).

Podemos responder então à questão proposta neste capítulo da seguinte forma: a moral e a religião, no entendimento de Bergson, contribuem para desenvolver no ser humano sua capacidade de criação e ampliação da experiência de se viver neste mundo. Isso se faz partindo-se do princípio de que o amor, resultante tanto da religião dinâmica, quanto da moral aberta, aproxima o ser humano do élan vital, e com isso, abre possibilidades para que a humanidade molde seus caminhos em a necessidade de uma ordem pré-estabelecida sob a forma de regras ou condutas sociais específicas.

Em outras palavras, Bergson propõe ao indivíduo se libertar de todo e qualquer padrão estabelecido por uma ou mais sociedades baseadas em religiões ou preceitos morais fechados. A alma se mantém em movimento quando não fica estagnada em regras específicas e é motivada pelo desejo de alcançar novas realidades, que por sua vez, podem vir a se tornarem novos modelos para a continuidade da existência humana neste mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento bergsoniano destaca-se tanto pelo seu viés ético, quanto metafísico, ao abordar o conceito de moralidade ao misticismo proposto pela experiência religiosa. O que o autor nos mostra é que as instituições sociais não devem ser soberanas em relação à vida do indivíduo. São necessárias enquanto parte do processo que envolve a relação entre uma pessoa e as demais em seu ambiente social. Ainda assim, a liberdade deve ser mantida, por meio da experiência que aproxima a pessoa ao processo de criação de todas as coisas.

O que entendemos como élan vital, explicitado por Bergson em sua obra, é esse impulso criador, que se manifesta em todas as coisas, inclusive em nós mesmos. O ser humano se aproxima do élan devido à sua capacidade criativa, que se manifesta de forma mais pura, quando há a experiência mística.

Os modelos estabelecidos pela sociedade servem somente para as pessoas que fazem parte de determinado meio social, não sendo aplicados para toda a humanidade. No entanto, a experiência mística enquanto possibilidade de criar novos padrões e estabelecer diferentes modelos é uma condição que Bergson afirma ser tão importante quanto o próprio desenvolvimento do conhecimento científico.

Aliás, desenvolvimento é um conceito significativamente presente no pensamento bergsoniano. Isso porque tanto o caminho percorrido pelas sociedades ao longo da história, quanto o que cada indivíduo traça objetivando novas possibilidades, estão contidos na ideia do filósofo de que tudo faz parte de um mesmo processo criador contínuo. De fato, poderíamos afirmar dentro desta perspectiva que somos criaturas criadas com a capacidade de criar, tal como nosso criador.

A frase anterior pode ser entendida simplesmente como um mero jogo de palavras, mas, no entanto, representa a pluralidade de elementos que temos para nosso desenvolvimento. Pensemos bem, somos livres para aceitar ficarmos inertes num mesmo padrão social ou para buscarmos ir além do que temos e somos. E isso só é possível porque temos essa capacidade criativa de ampliar nossos

conhecimentos e possibilidades, sendo também parte do mesmo impulso criador que temos em nós mesmos.

Como seres criadores, não temos que nos limitar à finalidade, sugere Bergson. Como isso se explica? Do mesmo modo que não devemos estar limitados pelas instituições ou padrões sociais, também não podemos restringir nosso potencial criativo para o futuro. Mas isso só será possível a todos quando existir o entendimento geral que o futuro é uma grande tábula rasa pronta a ser preenchida. E o que ela conterá é definido pelo que a humanidade traça ao longo de sua existência, para o bem ou para o mal.

Diante de todos os aspectos que observamos e discutimos ao longo deste texto, podemos concluir que a moral e a religião, sob a ótica bergsoniana, não são padrões estabelecidos por nenhuma ordem. São, na verdade, instrumentos para mostrar ao ser humano que muito pode ser aprendido pelo que está à nossa volta. E que muito mais pode ser alcançado quando temos consciência de que o que nos cerca não nos limita.

## REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **As Duas Fontes da Moral e da Religião**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. **Cartas, Conferências e outros Escritos**. São Paulo: E. Victor Civita, 1984.

\_\_\_\_\_. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **As duas fontes da Moral e da Razão**. Coimbra: Almedina, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Evolução Criadora**. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Les Deux Sources de la Morale et de la Religion**. Ed. Critique sous la direction de F. Worms. Paris: PUF, 2008.

\_\_\_\_\_. **La pensée et le mouvant**. Ed. Critique sous la direction de F. Worms. Paris: PUF, 2009.

BONADIO, Gilberto Bettini. **Moral: vida e emoção**. São Paulo: Kinesis, 2013.

COIMBRA, Leonardo. **A filosofia de Henri Bergson**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.

DELEUZE, Giles. **O Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2012.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

MEDEIROS, Alexsandro M. **Moral Fechada e Moral Aberta**. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/henri-bergson-moral-fechada-e-moral-aberta/>. Acesso em Julho de 2018.

SILVA, Adelmo José da. **A relação entre a moral e o misticismo em Bergson**. (Tese de doutorado em Filosofia) Rio de Janeiro: UGF, 2001.

\_\_\_\_\_. A fundamentação da moral em Bergson. **Estudos Filosóficos**. (Impresso), v. 1, p. 45-56, 2001. \_\_\_\_\_. O significado de moral em Bergson e Descartes. In: **II Semana de estudos em Ciências Naturais e Humanas**, 2002, São João del-Rei. Cadernos de Resumos e Programação, 2002, p. 17-18.

\_\_\_\_\_. Considerações acerca do pensamento bergsoniano. **The Advance Progress**. Gráfica da UFSJ, v. 1, p. 95-101, 2006.

\_\_\_\_\_. O impulso da evolução em Bergson (2011). Disponível em: <http://ade-bergson.blogspot.com/2011/05/o-impulso-vital-da-evolucao-em-bergson.html> Acesso em: 17 set. 2018.

\_\_\_\_\_, Franklin Leopoldo e. **Deus no pensamento de Bergson**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/deus-no-pensamento-de-bergson/> Acesso em Maio de 2018.

\_\_\_\_\_. **Intuição e Discurso Filosófico**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

TORRES, Silene. Obrigação, Inteligência e Liberdade: Bergson e o fundamento da moral. **Revista de Filosofia Aurora**. Curitiba, v.15 n.16, p. 19-23, jan./jun. 2003.

ZENI, Tiago. **Mística e ação em Bergson** – a experiência mística como fonte de ação transformadora da humanidade. Belo Horizonte: FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2014.

ZUNINO, Pablo E. A. O filósofo e o místico: da sociedade fechada à ruptura moral. **Atualidade Teológica**, Ano XVII, nº 43, p. 157-170, jan./abr. 2013.